

Furos

Cécile Bergame

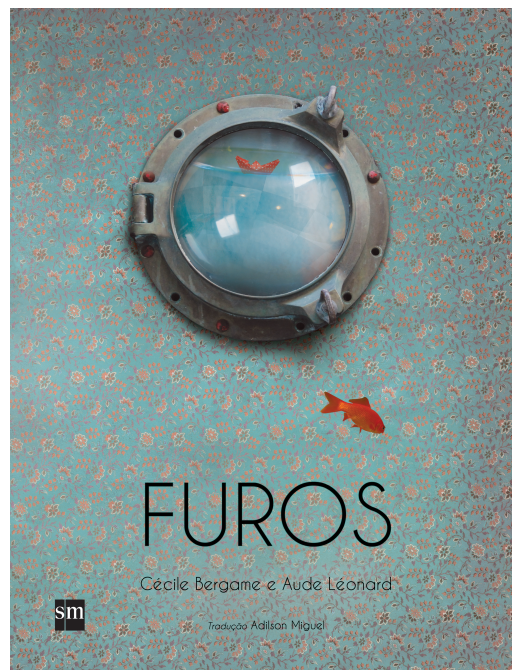
Ilustrações Aude Léonard

Tradução Adilson Miguel

Nível leitor A partir de 10 anos

Anos escolares 5º e 6º

32 páginas



TEMAS Solidão / Fantasia / Liberdade / Amizade / Pobreza

A **AUTORA** Cécile Bergame é escritora, contadora de histórias e bailarina. Nascida em 1965, em Lyon, França, dedica-se desde criança à dança e à literatura, campos distintos que ela procura unir na prática da recitação. Trabalhou como jornalista e publicitária, mas foi no amor por histórias bem contadas que se encontrou profissionalmente. Hoje, é contadora de histórias profissional e une sua habilidade corporal às palavras. Desde o ano 2000, já montou mais de dez espetáculos infantis e publicou diversos livros de ficção, nos quais busca reafirmar seu compromisso com a cultura da infância, que considera “um período peculiar da vida, no qual as impressões têm muita força”. É justamente sobre essa capacidade de se entregar à atmosfera fantástica e mágica da literatura que seus livros e espetáculos procuram incidir, sempre mediados pela fantasia e por certo toque de *nonsense*. Para conhecer mais sobre a artista e sua companhia de dança (A Corps Bouillon), acesse o site (em francês): <<http://acorpsbouillon.wix.com/a-corps-bouillon>>.

A **ILUSTRADORA** Aude Léonard é artista plástica e fotógrafa, nascida na França. Nas ilustrações que faz para livros, revistas, jornais e materiais publicitários, utiliza uma técnica que mistura fotografia e colagem digital. Ela costuma definir suas imagens de inspiração surrealista como “um convite ao sonho”. Por meio delas, espera provocar curiosidade no leitor, convidando-o dessa maneira a olhar mais de uma vez para cada página. A artista já teve trabalhos expostos na Bienal Ilustrarte de Portugal e ganhou uma retrospectiva de sua produção artística no museu Municipal de Ourense, Espanha, em 2013. Para mais informações sobre sua biografia e obra, consulte o site da artista (em francês): <<http://audeleonard.fr>>.

O LIVRO O protagonista de *Furos* é o Pequeno Homem. Ele vive sozinho em um bairro frio e cinzento, e sua casa não é lá muito confortável — na verdade, é cheia de furos: no telhado, nas paredes, na porta, na janela... Na falta de amigos, ele conversa com o peixinho de estimação, que um dia lhe pede para fazer um furo no aquário; desse modo, ele poderá realizar seu grande sonho, que é conhecer o mar. O Pequeno Homem não quer o amigo preso, mas também não deseja ficar sozinho na casa. Diante do dilema, resolve aceitar o convite do peixe e se aventurar com ele na viagem. Apruma-se sobre um barquinho de papel e abre um buraco no aquário, o único lugar que ainda não era furado. E lá vão os dois!

Juntos, empreendem uma fantástica jornada, deixando-se levar pela corrente

até escoar no mar. Da praia, o Pequeno Homem observa o peixe brincar nas ondas, seu sonho de liberdade. Acontece que o homenzinho também está a um passo de realizar seu mais íntimo desejo: ter companhia. Apenas quando uma criança se aproxima e lhe oferece uma maçã e outras pessoas também se achegam é que ele percebe que não está só. Nunca esteve! O mundo externo é cheio de alegria e de pessoas para conversar. Adeus, furos! O Pequeno Homem já não precisa se esconder atrás de nenhum véu, de nenhuma grade, de nada que o proteja (e o afaste) do mundo. Ele está pronto para crescer.



OBRA EM CONTEXTO

FOTOGRAFIA DO INVISÍVEL

Valendo-se de uma técnica conhecida como colagem digital, feita com fotografias recortadas digitalmente e reordenadas em uma composição inteiramente nova, o livro convida o leitor a caminhar na sutil corda bamba que separa fantasia e realidade. Em *Furos*, é como se essa fronteira não existisse. Não obstante a capacidade própria da fotografia de reproduzir com precisão a imagem de qualquer objeto real, as ilustrações resultantes da montagem nada têm de realistas.

MAIS QUE REAL, SURREAL

Após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que deixara um rastro de destruição e mortes nunca visto em escala mundial, alguns pensadores começaram a se perguntar como era possível o homem ter criado tantos recursos tecnológicos e investido tanto conhecimento científico para uma finalidade tão mórbida. Ninguém conseguia entender.

Sigmund Freud (1856-1939), no entanto, começou a buscar uma explicação. Para o pai da psicanálise, os homens não agem de acordo com suas crenças e valores, muito menos por uma lógica racional, e sim por certos impulsos inconscientes sobre os quais não têm controle. Ele propôs que, para conhecer a origem dos atos humanos mais primordiais — como matar um oponente —, é preciso deixar a mente falar livremente, sem as amarras do pudor e da razão. Os sonhos seriam um campo fértil para compreender o que se passa no subterrâneo da consciência.

Talvez hoje em dia não pareça tão ousado pensar como Freud, mas no início do século XX nenhum cientista havia proposto investigar sonhos ou desejos ocultos. Isso era visto como preocupação de místicos ou charlatões. Em uma época em que no Ocidente não se podia falar publicamente de sexualidade, as teorias freudianas, calcadas no papel dos desejos não realizados e de suas aparições desde a mais tenra infância, causaram escândalo.

Seja como for, disseminaram-se pela Europa e rapidamente foram absorvidas por grupos de artistas e intelectuais que viam na psicanálise a prova de que havia algo mais em jogo na vida do que aquilo que os olhos enxergavam. Em termos de representação, isso significava que se abria um novo campo sobre o qual se debruçar, além da figuração pura e simples. Era preciso deixar o inconsciente falar também por meio da arte.

Pintores como o espanhol Salvador Dalí (1904-1989) e o belga René Magritte (1898-1967) produziram obras memoráveis, incorporando à arte um discurso afinado com o absurdo e o fantástico — aquilo que estava além do real (vem daí o termo francês “*surréal*”, composto de *sur*, “sobre”, e *réel*, “real”). Em quadros que se tornaram mundialmente conhecidos, a

Ainda que as fotos ali reproduzam um balão de gás, uma maçã e uma flor, por exemplo, como o são na realidade, algo parece evocar um sonho quando se olha atentamente para o conjunto produzido, como o das páginas 28-29. Esse “algo” tem que ver com a maneira como as figuras estão compostas na ilustração. Em relação aos outros objetos, a maçã não parece grande demais? E quanto às flores: não são gigantescas se comparadas à cama, por exemplo?

Vejamos também o caso dos dois balões de gás. Eles estão flutuando, o que não é estranho, mas não são os únicos a ocupar o espaço aéreo da imagem. Um chapéu, um guarda-chuva, duas carroças e algumas bolas também estão voando, e isso é definitivamente estranho... A sensação de que alguma coisa está fora do lugar não nasce de uma falha na representação dos objetos — tomados um a um, eles são realistas —, mas de uma brincadeira proposital na composição das figuras. Sabemos que carroças andam no chão e chapéus e guarda-chuvas não flutuam. Quando isso acontece, nossa reação imediata é de estranhamento. Então somos obrigados a olhar mais uma vez, e outra, e outra...

Aí está o segredo — e a beleza — das ilustrações de *Furos*. Ao contrariarem as expectativas mais básicas do leitor, as imagens proporcionam uma experiência há muito perdida, equivalente à inocência de quem vê esses objetos pela primeira vez. Reaprendemos algo, reordenamos nosso olhar. Por isso, vale a pena experimentar coletivamente em sala de aula o processo de “decifrar os truques” dessas imagens, conforme sugestões de atividades no final deste guia de leitura.

Deixar o leitor com a sensação de que alguma coisa está fora do lugar é um procedimento muito valorizado na arte. Esse recurso foi amplamente usado pelos **surrealistas** a partir de 1920, em busca de libertar a arte das limitações impostas pela lógica racional. Em *Furos*, as ilustrações seguem essa estética de desestabilização de sentido para mostrar que é possível enxergar além do real. Ao depararmos com uma panela flutuando ou um corredor de macarrão fazendo as vezes de telhado (p. 10-11), por exemplo, experimentamos algo próximo do sonho, onde tudo parece fazer sentido. Entretanto, à medida que nos lembramos dele ou o relatamos a alguém, nos damos conta da impossibilidade de aquilo ter acontecido. Nos sonhos, como nas páginas de *Furos*, não é impossível que um muro seja feito de água (p. 18-19), tampouco que um homem converse com seu peixe.

exemplo de *A persistência da memória*, de Dalí, e *Golconda*, de Magritte, percebe-se de que modo esses artistas procuraram representar um campo de experiências que por definição não se podia ver nem tocar. É como se desejassem comunicar-se diretamente com nosso inconsciente.

A CAVERNA DE PLATÃO

Um grupo de prisioneiros vive no fundo de uma caverna, da qual não podem sair, pois estão acorrentados ao chão, de costas para a entrada. Atrás deles arde uma fogueira que projeta luz na parede para onde estão obrigatoriamente virados. Ali eles veem as sombras dos seres que se movimentam do lado de fora. Isso é tudo o que esses homens conhecem do mundo. É com base naquilo que lhes é dado ver — sombras — que eles discutem, argumentam e formam opiniões. Mas será que o conhecimento que julgam ter é mesmo confiável?

Para Platão (século V a.C.), filósofo grego que concebeu essa imagem e a descreveu em seu livro *A República*, é impossível conhecer o mundo baseando-se apenas no que se vê; as imagens provavelmente não passam de sombras, representações distorcidas dos seres reais. Assim, para apreender de fato as coisas, os prisioneiros teriam de deixar a caverna e enxergar com os próprios olhos as cores e as formas do mundo exterior.

Em certo sentido, o Pequeno Homem vive como os prisioneiros da alegoria da caverna. O pouco que sabe do mundo é um conhecimento mediado pelos furos e por seu amigo peixe, que ironicamente vive aprisionado no aquário. Assim, o que conhece é apenas uma imagem distorcida, algo que ouviu dizer ou entreviu pelos buracos das paredes.

Para sua sorte, ele consegue se libertar, o que não acontece no caso da caverna de Platão. Na alegoria, os prisioneiros ridicularizam um companheiro que escapou e retornou para contar o que vira no exterior. De tão acostumados a viver nas sombras, eles são incapazes de acreditar na vida lá fora.

FUROS

A solidão nas grandes cidades é tema de fundo desse livro, que apresenta uma história aberta, adequável a qualquer tempo e espaço. No entanto, vale a pena observar a ambientação imaginada pela ilustradora para a casa do Pequeno Homem: um lugar próximo de grandes chaminés — indicando uma área urbana e industrializada — em uma área pobre — “Furos por toda parte: no teto, na calha, nas meias, nos bolsos... até em sua carteira” (p. 10-11). Uma carteira cheia de furos não segura o dinheiro que se deposita nela. O mesmo se pode pensar do resto da casa: nada se mantém lá dentro. Contudo, mesmo sendo furada, a casa mais se parece com uma **caverna**, na qual o Pequeno Homem estaria enfiado. Não fosse a sede de liberdade do peixinho, que lhe faz um chamado, o Pequeno Homem provavelmente ainda estaria lá...

Os furos a que o título se refere são, assim, metáfora de penúria, mas também de permeabilidade para absorver o desconhecido, os outros, as coisas do mundo. Aprofundando essa dupla chave interpretativa, podem ser vistos tanto como os buracos pelos quais o mundo do Pequeno Homem é invadido pela realidade e seus revezes (frio, calor, umidade, ruídos etc.) quanto, de modo oposto, como aberturas bem-vindas, que mantêm o personagem conectado com o mundo, e não isolado dele. De uma forma ou de outra, o Pequeno Homem é desafiado a abandonar seu universo cotidiano e aventurar-se para além dos furos, em busca do desconhecido, assim como as crianças, que são a todo instante convocadas a atravessar os muros que as cercam para que possam crescer. Em geral, toda travessia causa um pouco de medo, mas, segundo a história contada em *Furos*, é segura.

Além dos furos conhecidos, há a cidade, o rio e, finalmente, o mar. A viagem dura muitos dias — “depois de o Sol nascer e se pôr inúmeras vezes” (p. 23) —, até que o barco do Pequeno Homem encalha na praia. É quando ele se põe em terra firme pela primeira vez desde que saiu de casa. Diante da recepção calorosa das pessoas que se aproximam dele e o saúdam: “Bem-vindo!” (p. 26), ele tem a chance de descobrir que não era necessário se esconder.

O mundo lá fora não apenas é seu amigo, mas um local vasto, cheio de alegria. E essa vastidão torna-se agora sua casa — esse parece ser o significado da ilustração das páginas 28-29, em que reaparecem seus velhos móveis sobre a areia, rodeados de muitos outros objetos novos e alegres, como carroças, instrumentos musicais, balões de gás e flores.

NA SALA DE AULA

- 1 Proponha à turma uma divertida atividade de decifração dos truques das imagens.

Em primeiro lugar, faça um mapeamento das figuras que considere mais interessantes e mostre-as aos alunos, pedindo que identifiquem o que veem de estranho nelas — no caso, elementos que fujam da lógica racional, como fusões de imagens e objetos flutuando.

A seguir, tome a ilustração das páginas 24-25 como exemplo da técnica de colagem digital usada no livro. Pergunte: “Trata-se de uma fotografia ou de várias?”, “Vocês acham que essa cena poderia ocorrer na realidade?”. Peça que observem os detalhes da imagem. A ideia é que percebam que o mar, abaixo da linha do horizonte, é, na verdade, um muro; a tinta descascada é a prova.



Imagem das páginas 24-5.



De cima para baixo: Imagens 1, 2 e 3.

Agora, mostre a sequência de ilustrações que vão da página 18 à 23 e pergunte o que veem em comum entre elas e a imagem das páginas 24-25. Depois de identificado o muro no mar, os alunos responderão a essa questão facilmente: o que há em comum entre as imagens é que todas têm fotos de muro ao fundo.

Imagem 1 (p. 18-19)

A linha da calçada marca um ângulo reto entre o muro e o chão, indicando uma construção vertical sobre o solo. Além disso, há um cano descendo sobre o muro.

Imagem 2 (p. 20-21)

Aqui, são as rachaduras que denunciam o muro. É interessante notar que nessa imagem o chão não aparece. Para demarcar a dimensão horizontal desse plano, a ilustradora se vale da contraposição de texturas e cores entre o muro e o céu.

Imagem 3 (p. 22-23)

Os planos do chão e do muro formam um ângulo reto, como na imagem 1. No entanto, não é necessário notar isso para saber que se trata de um muro, e não do solo. Basta reparar na porta nesse plano: portas geralmente ficam em muros ou paredes, não no chão.

Para saber mais

Para o aluno

- ANTOINE-ANDERSEN, Véronique. *Arte para compreender o mundo*. São Paulo: Edições SM, 2007.

Com abordagem crítica, texto bem-humorado e reproduções de obras de todos os tempos, proporciona verdadeiro debate sobre a função da arte. Inclui referências ao surrealismo.

- ATAK. *O livro do contra*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.

Livro sem palavras, cujas ilustrações retratam situações divertidas em que os personagens trocam de papéis. Embora concebidas originalmente para crianças mais novas, as imagens funcionam muito bem como jogo de decifração para todas as idades, no qual, a exemplo da arte surrealista, nada é o que parece ser.

- NUNES, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2010.

Nesse clássico romance juvenil, uma garota se vê encapsulada no próprio universo por motivos alheios a sua vontade e acaba descobrindo na escrita os recursos que a tornarão livre e capaz de crescer.

- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Tempo de voo*. São Paulo: Comboio de Corda / Edições SM, 2009.

Diálogo entre uma criança e um homem idoso sobre a passagem do tempo. Devaneios e caracterizações surpreendentes marcam a narrativa: poesia aliada à reflexão filosófica. As ilustrações criam uma atmosfera de sonho, em paisagens surrealistas e metafísicas.

- TAN, Shaun. *Regras de verão*. São Paulo: Edições SM, 2014.

Dois garotos, um mundo à parte, onde cada ato mínimo pode deflagrar eventos surpreendentes e cenas surreais. Por sorte, há regras para afastar os riscos e a experiência do mais velho para ensinar o mais novo.

2 É interessante chamar a atenção dos alunos para a paleta de cores. A princípio, predomina o cinza, tom associado ao frio, à solidão do Pequeno Homem e dos habitantes de sua cidade. Quando, ao contrário, ele está na praia, as cores tornam-se vivas, a exemplo do azul do mar e do vermelho, largamente presente em diversos elementos. Este é associado à alegria, à comunhão, à descoberta de uma coletividade, cujo símbolo é a maçã ofertada ao homenzinho.

3 Ainda focando as imagens do livro, instigue os alunos a caracterizar o Pequeno Homem. Se repararem no rosto pintado de branco, nas roupas um tanto grandes para seu corpo, talvez pensem em um palhaço — um palhaço um pouco triste, que vive sozinho na cidade grande e não conhece ninguém, apesar de gostar de conversar. Não é estranho que justamente no lugar onde mais há gente ele não encontre ninguém com quem possa conviver além de seu peixinho? Como seu amigo, vive preso em um ambiente minúsculo, e só na praia, onde aparentemente não havia muita gente, é que ele encontrará alguém. Assim como o peixinho, que nada contente nas ondas do mar, o Pequeno Homem por fim se alegrará ao receber boas-vindas de uma criança e de outras pessoas. Depois de bem explorados esses pontos, proponha que, em grupos, os alunos desenvolvam uma história de vida para o protagonista, imaginando família, profissão, rotina etc. e levantando hipóteses para o fato de ele morar em um lugar cinzento e de as pessoas não conversarem na cidade. Essa atividade pode resultar em interessantes redações ou cartazes.

4 Compare as características que definem a cidade onde vivia o Pequeno Homem e o lugar onde ele foi parar com seu peixinho. Mostre aos alunos como os espaços (descritos no texto ou representados nas imagens) trabalham com valores de grandeza distintos. De um lado, uma casa que é quase tão pequena como um caixote; de outro, a vastidão ilimitada da praia. As imagens das ondas do mar quebrando e dos balões voando reiteram a noção de amplitude. Mas por que será que o mundo inteiro, sem paredes, é “uma casa de verdade” (p. 28)? Não se fala sempre que as pessoas precisam de habitação? A mensagem do livro é justamente



Para o professor

- BARBE-GALL, Françoise. *Como falar de arte com as crianças*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

Guia de como apresentar as artes plásticas para crianças de 5 a 13 anos. Escrito de maneira simples por uma especialista em arte-educação, é de grande ajuda para trabalhar o movimento surrealista em sala de aula.

- PLATÃO. *A República*. Tradução: Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Nesse que é um dos textos mais importantes da história da filosofia, Sócrates narra seu diálogo com diversos interlocutores sobre como seria a cidade ideal. O trecho que trata da alegoria da caverna está disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/203.pdf>>. Acesso em: jan. 2016.

um elogio do coletivo, daquilo que é a verdadeira casa de todos nós: a amizade, o encontro. Os furos, nesse caso, podem ser interpretados como redes de proteção que nos impedem de entrar em contato com o mundo ao redor, contemplando a beleza natural das coisas em sua essência e das relações.

ELABORAÇÃO DO GUIA Beatriz Antunes (graduada em Filosofia pela Unicamp, estudante de Pedagogia no Instituto Singularidades e editora de literatura infantojuvenil); EDIÇÃO Graziela R. S. Costa Pinto; PREPARAÇÃO Marcia Menin; REVISÃO Carla Mello Moreira.